



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

JAILTON GOMES NUNES

**O GÊNERO CHARGE NO LIVRO DIDÁTICO DO 8º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA DE ENSINO CONTEXTUALIZADO**

CAJAZEIRAS – PB

2019

JAILTON GOMES NUNES

**O GÊNERO CHARGE NO LIVRO DIDÁTICO DO 8º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA DE ENSINO CONTEXTUALIZADO**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa do
Centro de Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina Grande -
Campus de Cajazeiras como requisito parcial
para obtenção do título de Graduado em
Letras.**

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

CAJAZEIRAS – PB

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

N972g Nunes, Jailton Gomes.

O gênero charge no livro didático do 8º ano do ensino fundamental:
uma proposta de ensino contextualizado / Jailton Gomes Nunes. -
Cajazeiras, 2019.

41f.: il.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa)
UFCEG/CFP, 2019.

1. Gêneros textuais. 2. Livro didático. 3. Charge. 4. Ensino de língua portuguesa. 5. Habilidades linguísticas. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCEG/CFP/BS

CDU - 81'42

JAILTON GOMES NUNES

O GÊNERO CHARGE NO LIVRO DIDÁTICO DO 8º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA DE ENSINO CONTEXTUALIZADO.

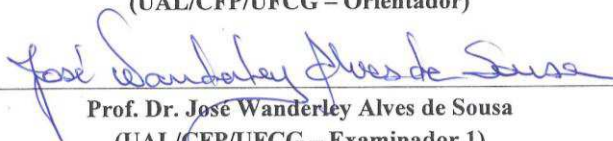
Monografia apresentada ao Curso de
Letras- Licenciatura em Língua
Portuguesa da Unidade Acadêmica de
Letras do Centro de Formação de
Professores da Universidade de Campina
Grande.

Aprovado em: 03/07/2019


BANCA EXAMINADORA



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG – Orientador)



Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 1)



Profa. Ma. Francisca Damiana Formiga Pereira
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 2)

*A minha mãe Helena Gomes de Melo;
A minha querida e estimada prima Maria
Márcia Bezerra Gomes que sempre me
apoiou e nunca mediu esforços para me
ajudar nos estudos, mesmo diante de tantas
dificuldades.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, e por sempre guiar meus passos nos momentos de alegrias e tristezas.

A minha prima, amiga e inspiradora da docência, Maria Márcia Bezerra Gomes, pelo carinho e companheirismo ao longo desses anos, entendendo meus momentos de alegrias e tristezas. A minha mãe, Helena Gomes de Melo, que mesmo diante das dificuldades acreditou em mim e ajudou dentro de suas limitações no meu crescimento pessoal.

Aos meus irmãos, José Janailson Gomes e Janaína Gomes por viverem ao meu lado. A minha prima Maria do Carmo Bezerra (Dudu), sempre me apoiou e ajudou como pôde.

Ao meu orientador, Professor Abdoral Inácio de Sousa, pela aceitação do convite em ser meu orientador, ter tido paciência ao logo da escrita deste trabalho e os grandes ensinamentos durante o meu curso nas disciplinas Língua Latina I II e História da Língua Portuguesa.

A minha querida e amada Madrinha, Maria de Lourdes Barros Formiga de Melo (*in Memoriam*) por sempre me aconselhar, ajudar e acreditar em mim.

Ao meu grande amigo, Joseph Gabriel Cardoso do Nascimento por sempre ter me ajudado durante todo o meu tempo de formação na Universidade. Sempre que precisei me acolhia em sua residência estudantil. Sou muito grato por tudo.

Agradeço a minha amiga Williana Ferreira de Andrade por caminhar durante os cinco anos de formação ao meu lado, sempre estudando em grupo e ajudando com sua maneira humilde de ser.

A minha prima e gestora Fátima André do Nascimento que me proporcionou o universo da docência concedendo a oportunidade de exercer trabalho na rede municipal de ensino de São João do Rio do Peixe-PB.

Aos professores da Unidade Acadêmica de Letras e aqueles que diretamente contribuíram para eu chegar até aqui e seguir estudando durante toda minha vida.

RESUMO

Atualmente em presença das constantes discussões sobre gêneros textuais e a inclusão dos mesmos no currículo escolar, o ensino tem focado no fundamento dos diversos tipos de textos, sejam eles orais ou escritos, não mais se enfatiza apenas nos ensinamentos tradicionais da gramática. Sendo assim, o objetivo é desenvolver as competências e habilidades linguísticas nos alunos e não somente torná-los um depositário de regras vazias. Em relação a isso esse trabalho visa analisar como se dá a abordagem do gênero *charge* no ensino de língua portuguesa, gênero este que se faz presente no nosso dia a dia. A coleção analisada é Diálogo em Gênero de Eliana Santos Beltrão – Tereza Gordilho, a mesma é composta por quatro livros que vai do 6º ao 9º. No entanto é utilizado o do 8º ano. O livro possui uma parte que mostra as charges na parte da orientação didática. Para tanto foram usados alguns teóricos que tratam do assunto como: Bakhtin, (2003) Schneuwly (2004), Marcuschi (2008), Rojo (2005), entre outros. Esta pesquisa fez-se relevante para refletir a importância da *charge*, de modo a destacar suas propriedades, explanando assim sua função social, bem como discutir seu uso em sala de aula uma vez que ela desperta criticidade e permite que os alunos desenvolvam enquanto falante a sua opinião atual em relação à sociedade.

Palavras-chave: Gêneros textuais. Ensino. Charge. Livro didático.

ABSTRACT

Teaching in particular the disciplines of secondary education and the dissemination of these are not school, nor high school, nor high school, nor texts of topics, nor are they done or not, only in grammar teaching. As such, the increase is increasing and attention is focused on the qualifiers and it does not become just a deposit of empty rules. "Regarding this article will be different as a gender approach." The translation will be published in the journal *Diálogo* in spirit of Eliana Santos Beltrão - Tereza Gordilho, is also composed of four books that will make 6 ° to 9 °. However, the 8th grade will be used. The book has a part that shows the collections in the part of the didactic orientation. For some, some theorists who deal with the subject were used: Bakhtin, (2003) Schneuwly (2004), Marcuschi (2008), Rojo (2005), among others. This research has made it relevant to reflect on the importance of the load in a way to differentiate its functions by explaining how is its social function as well as its use of a series of tasks since it is desperate for criticism and allows countries to develop their current opinion about society as a speaker.

Keywords: Textual genres. Teaching. To charge. Textbook

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	-	<i>Charge</i> de 10 de julho.....	24
Figura 2	-	A Campanha e o Cujo.....	26
Figura 3	-	Horário Político de Glauco Villas Boas.....	28
Figura 4	-	<i>Donald Trump</i> – Acordando o prédio.....	30
Figura 5	-	Ziraldo e seus personagens.....	30
Figura 6	-	Capa dos Livros de Língua Portuguesa.....	32
Figura 7	-	Sumário do livro do 8º ano.....	34
Figura 8	-	Imagem do livro do 8º ano.....	34
Figura 9	-	Imagem do livro do 8ºano.....	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFP	Centro de Formação de Professores
Clic	Curso e Linguagem e Comunicação
HQs	Histórias em Quadrinhos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LP	Língua Portuguesa
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
OCEM	Orientações Curriculares para o Ensino Médio
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
UAL	Unidade Acadêmica de Letras
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	Erro! Indicador não definido.
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
1.1 GÊNEROS E ENSINO: QUESTÕES TEÓRICAS	13
1.2 POR QUE FALAR EM GÊNEROS NO CONTEXTO DE ENSINO DE LINGUA PORTUGUESA.....	13
1.3 OS GÊNEROS QUADRINHOS E SEU ESPAÇO NA SALA DE AULA	18
1.4 A IMPORTÂNCIA DA CHARGE NO ENSINO	20
1.5 A CHARGE NO CONTEXTO DO ALUNO.....	21
1.6 A CHARGE COMO RECURSO DE ENSINO	22
2 A HISTÓRIA DA CHARGE NO BRASIL	26
2.1 PRINCIPAIS CHARGISTAS BRASILEIROS	28
3 PERCUSO METODÓLOGICO	Erro! Indicador não definido.
3.1 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	39

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho tem como proposta discutir a importância dos gêneros textuais e das crescentes discussões sobre o assunto. O ensino encontra-se em constante transformação, uma amostra desse fato é a inclusão dos gêneros textuais no currículo escolar; dessa forma, esta pesquisa pretende discutir a importância dos gêneros, seu uso em sala de aula e observar o ensino da charge, que é o gênero em foco neste estudo, através do livro didático.

Há alguns anos o ensino, de forma geral, era focado nas tipologias textuais, que consistiam basicamente em “tipos de textos” (Narrativo, Descritivo, Dissertativo e etc.), além disso, ainda tinha-se a gramática, que era algo que os alunos apenas decoravam para alcançar notas. Hoje, com as crescentes discussões e transformações no âmbito educacional, o foco principal passou a serem de diversos tipos de textos, sejam eles orais ou escritos, não mais se enfatiza o ensino tradicional da gramática, pois tendo como base o texto a gramática é ensinada dentro dele, ou seja, no uso prático da língua desenvolvendo competências e habilidades linguísticas nos alunos e não somente os tornando um depósito de regras vazias.

A *charge* é um gênero que passou a circular no meio escolar recentemente e apresenta-se de modo positivo, pois faz parte do cotidiano dos alunos, além de ser um gênero que explora bastante a criticidade e as informações visuais, isso ganha a atenção dos educandos. Mas, muitas vezes, a visão que se tem da *charge* é distorcida, pois é comum confundirem-na com outros gêneros parecidos, tais como o *cartum*, as tirinhas e etc.; além disso, geralmente, os professores trabalham com a interpretação e os elementos da função social, humor, crítica, elementos não verbais e etc., que compõem o gênero e que são muito importantes para os alunos compreenderem o sentido da *charge*.

Nas últimas décadas, após muitas discussões e estudos feitos, viu-se a necessidade de mudar a estrutura do ensino e o seu foco, surgiram a partir daí os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a Lei de Diretrizes de Base (LDB) e diversos outros documentos que norteiam o ensino e que propõem novas formas de se ensinar priorizando sempre a aprendizagem do aluno.

Com relação à *charge* há pouca discussão sobre o tema, além disso, a priori se observa a dificuldade dos professores em encontrar material adequado sobre o gênero nos livros didáticos e o ensino do gênero é muitas vezes superficial. Essas observações e análises serão mais bem exploradas no trabalho, por isso a necessidade de fazer essa pesquisa, para poder

discutir o tema e traçar metodologias que possam ser usadas no ensino de Língua Portuguesa (LP), contribuindo para a melhor aprendizagem dos alunos.

Os objetivos desta pesquisa consistem em: desenvolver o tema acerca das potencialidades oferecidas pelo uso de gêneros em sala de aula; destacar o cunho crítico presente nas *charges* e seu reflexo na ampliação das competências e habilidades; conceituar o gênero textual em foco segundo as abordagens teóricas, mostrando suas características próprias; demonstrar que o conhecimento de mundo é importante para a prática de leitura, principalmente no que se refere ao gênero *charge*; pontuar que ler é muito mais que decodificar palavras, afinal a própria *charge* carrega fortes elementos de linguagem não verbal, e avaliar a abordagem da *charge* que é feita em um dos instrumentos de ensino: o livro didático.

Esta pesquisa é bibliográfica documental e tem como corpus de análise a coleção de livro didático de língua Portuguesa Diálogo em gênero de Eliana Santos Beltrão – Tereza Gordilho, no entanto só será utilizado o do 8º ano. Ao final, é proposta uma sugestão de trabalho com *charges*, seguindo o padrão de uma sequência didática, analisando todos os elementos do gênero em estudo.

A presente pesquisa monográfica está dividida em tópicos que irão demonstrar como se faz a abordagem teórica sobre gêneros, ensino e o conceito de *charge*, abordando os gêneros no ensino e a relação dialógica da linguagem. O gênero foco desta pesquisa, a *charge*, também está especificado, destacando seus conceitos e características. Este trabalho terá sua metodologia fundamentada em pesquisas bibliográficas, a serem realizadas em livros, artigos entre outros. Dessa forma, se caracterizará como uma pesquisa teórica, de cunho bibliográfico e interpretativo, a qual se configura como um processo de pensar a realidade e de elaborar conceitos e categorias de análise (DEMO, 2004).

A pesquisa teórica se faz relevante para o processo de aprendizagem, pois somos influenciados e reproduzimos a prática de outros, porém deve-se ter o cuidado de não cair no equívoco de julgar as colocações como certas ou erradas, sem apresentar uma contraproposta e/ou abrir a discussão sobre determinada teoria (DEMO, 2004). Como base dos estudos desta pesquisa, utilizamos algumas *charges* de autores que discutem a atualidade e fatos do cotidiano da educação e política, como forma de conscientização e crítica, formando assim um pensamento crítico, onde o aluno interprete as situações com o seu próprio olhar.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 GÊNEROS E ENSINO: QUESTÕES TEÓRICAS

Nesse primeiro capítulo, pretende-se fazer uma abordagem em relação aos gêneros e à visão dialógica da linguagem no contexto de ensino. Entretanto, será abordado o gênero quadrinhos, fazendo um paralelo entre a história do seu surgimento e a sua importância para o ensino. De acordo com Vergueiro (2010) os quadrinhos são da época da pré-história, quando o homem primitivo desenhava nas paredes das cavernas grandes fatos ocorridos, o que se caracterizava bem como uma forma de comunicação da época.

Junto com as transformações acontecidas no mundo e com a evolução do homem, os quadrinhos também “evoluíram”, chegaram ao que se conhece hoje, contudo o seu uso dentro da educação se deu somente a partir de 1940, quando foram divulgadas as principais revistas em quadrinhos com caráter educacional. Dentro do gênero quadrinhos apresentamos a *charge* que aborda temas do cotidiano, descobrindo o humor e a criticidade atuais no seu próprio contexto, e também sua importância que serão abordados em seguida.

1.2 POR QUE FALAR EM GÊNEROS NO CONTEXTO DE ENSINO DE LINGUA PORTUGUESA

Com base nos Referenciais Curriculares do Ensino Médio (2010), no início do ensino de LP era algo reservado às pessoas das classes mais altas da sociedade. No final dos anos 50 e 60 do século XX, ocorreram transformações na sociedade e é reivindicado o direito à educação para as classes dos trabalhadores. Com isso, analisaram a variedade de dialetos e a heterogeneidade da língua, e até a dependência do professor ao livro didático, material que muitas vezes completava a falha na formação e a falta de tempo para planejar as aulas.

Tratando-se dos conteúdos da LP existia uma pendência entre a língua oral e a escrita. Com relação a isso ao longo dos anos, ao considerar a escrita de maior significação na área da língua, constituiu-se a eloquência como objeto de ensino, que abordava recursos da poética, no qual a escrita era mais apreciada, escrever bem era o objetivo. Por isso, o ensino da gramática portuguesa e à gramática latina eram utilizados no ensino de LP, para que os alunos estudassem a escrita adequada de acordo com as normas gramaticais, o latim e as normas clássicas tão usadas na literatura eram tidas com muito prestígio na época.

Na busca de organizar a educação no entendimento da oralidade e da escrita, o texto passou a ser objeto de estudo, mas a gramática era enfatizada, às vezes, com maior ênfase, os tipos de textos ou tipologias textuais eram combinados com os recursos verbais e não verbais. Já nos anos 80, segundo Rojo (2005), passa-se de um ensino normativo, cuja prioridade estava na análise de língua e na gramática, para um ensino procedimental, dentro do qual os usos da língua escrita, como a leitura e a redação são, também, valorizados, com grande influência da noção de criatividade: o texto de leitura serve de base, de estímulo para escrever e o texto produzido é tido como resultado de um ato criativo (Brasil, 2010 *apud* Rojo, 2012).

Nesse sentido, era ensinada a estrutura dos textos abordando coerência e coesão, a linguagem como objeto da comunicação e a escrita como um processo cognitivo do falante. Por outro lado, apesar das contribuições da linguística textual e as referências feitas por Rojo, a gramática no eixo do uso faz do texto um meio de se ensinar a gramática normativa como pretexto, ou seja, o texto se torna uma “máscara” para o ensino da gramática normativa.

Marcushi (2004 *apud* ROJO, 2005, p. 187) faz a seguinte colocação a respeito do conceito sobre tipologia textual ou tipo textual:

Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza lingüística (sic) de sua composição [aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas]. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

Como dito acima os textos usados pela tipologia textual são limitados e exploram a construção teórica do texto, ou seja, aspectos gramaticais de estrutura e forma de diversos níveis lingüísticos, que ficam restritos a sua composição formal. Com o passar dos anos com a ineficiência na aprendizagem foi-se percebendo que esse modo de ensino das tipologias textuais não estava alcançando a eficiência esperada nas escolas, a aprendizagem não estava sendo alcançada da forma que se pensou, assim surgiram as discussões sobre os gêneros discursivos ou textuais, que trazem para o ensino um processo cultural e social de prática comunicativa usando o texto como objeto do ensino e aproximando os falantes da língua.

O ensino tradicional de LP era centrado na gramática normativa, ou seja, com o foco nas regras gramaticais e distante da fala da maioria das pessoas, o que reduzia o processo comunicativo às regras da norma culta e à escrita, que tinham o prestígio da sociedade e distanciava o falante da língua materna, a língua aprendida através do contato com a família e com a comunidade.

O aluno ao chegar à escola já sabe se comunicar e conhece a estrutura da língua, ele apenas não sabe escrever e dominar as regras da gramática usada na escrita, mas ao alfabetizá-lo a escola limita a língua materna em função da escrita, assim, ao perceber a diferença entre elas o aluno se sente inferior diante da sua própria língua. Neste contexto do ensino de LP defender o uso das variedades linguísticas e os diferentes usos da língua, seria o mesmo que dar ênfase às variedades não padrão, tal reflexão para a escola era tida como uma ameaça ao conhecimento da língua padrão, até então ensinada nas salas de aula.

Atualmente, diante da busca de democratização do ensino e do acesso de todos à educação, a língua materna não é mais estigmatizada pela escola, pelo contrário, ela é usada como um meio facilitador da aprendizagem. Como coloca os PCN:

A língua materna é um dos principais operadores da comunicação, nas diversas trocas de que participamos cotidianamente. Seus usuários devem dispor dela adequadamente nas diversas situações comunicativas, cabendo a escola um importante papel de mediação na aquisição dessa competência (BRASIL, 2009, p. 74).

A vista disso, a variação linguística passou então a ser considerada como um fator intrínseco no processo de uso da língua, os falantes falam de acordo com a comunidade e o meio social em que vivem. O papel da escola é usar essa variação para entender as dificuldades dos alunos e então ensiná-los a adequar a língua de acordo com a situação de uso, fazendo deles cidadãos ativos no processo comunicativo.

Diante da necessidade de mudar a estrutura e o foco do ensino, surgiram então os PCN, a LDB e diversos outros documentos que norteiam o ensino e que propõem novas formas de se ensinar priorizando sempre a aprendizagem do aluno. A respeito dessas discussões os PCN orientam o seguinte:

[...] o ensino de Língua Portuguesa tem sido, desde os anos 70, o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade no país. O eixo dessa discussão no ensino fundamental centra-se, principalmente, no domínio da leitura e da escrita pelos alunos, responsável pelo fracasso escolar (BRASIL, 1998, p. 17).

Entretanto, os PCN trazem um novo modelo de ensino que tem como foco os gêneros textuais, visto que a gramática é ensinada dentro do texto e não mais isolada como antes, pois assim é mais fácil para o aluno assimilar o conteúdo, uma vez que ele aprende a língua no seu uso e não mais em frases isoladas, sem sentido e, além disso, exige o conhecimento de muitas

regras. A respeito da relação entre linguagem e gênero os parâmetros colocam da seguinte maneira:

Nessa perspectiva, língua é um sistema de signos específicos, histórico e social, que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade. Aprender a língua é aprender não somente palavras e saber combiná-las em expressões complexas, mas apreender pragmaticamente seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesmas (BRASIL, 1998, p. 20).

Ao longo dos últimos anos vem se discutindo muito as noções de gêneros textuais, esta discussão é relativamente recente no campo da linguística e um dos primeiros teóricos que abordam essas noções de gêneros é Bakhtin. Alguns teóricos usam a nomenclatura de gêneros textuais como gêneros do discurso, em termos práticos são conceitos paralelos ao considerar que discursos são materializados nos textos produzidos. Bakhtin (2004 *apud* RODRIGUES, 2005, p. 163) usa o termo gêneros do discurso e apresenta a seguinte definição como sendo “tipos relativamente estáveis de enunciados ou formas relativamente estáveis e normativas do enunciado”, ou seja, a noção de gênero é vista como enunciado (texto) que possui forma e características próprias, por isso se torna “relativamente estável” no sentido do uso que os falantes fazem dele, sendo que sua forma não irá variar, mas a interação dos falantes historicamente e socialmente exercerá influência no seu enunciado.

Relembrando o que foi dito sobre tipologias textuais, faz-se necessário uma distinção entre tipos de texto e gêneros textuais, ao passo que os tipos de textos são de espécie teórica, estrutural e forma linguística e ainda abordam categorias restritas; os gêneros textuais são textos materializados, ou seja, construídos pelo falante em seu dia a dia através do processo de comunicação, além disso, os gêneros são inúmeros. Ambos abordam as noções de texto, porém a tipologia é um espaço limitado de categorias específicas, enquanto que os gêneros são mais abrangentes dentro do espaço do texto.

Vale ressaltar ainda que não existem apenas gêneros escritos, do mesmo modo que no processo de comunicação não se usa apenas a escrita, existem também os gêneros orais, e que merecem o mesmo valor e importância que são dados ao primeiro. Schneuwly (2004, p. 24), afirma que na utilização da base de orientação da ação discursiva os gêneros são tidos como um instrumento “[...] unidade de conteúdo temático, composição e estilo, deve poder ser adaptado a um destinatário preciso, a um conteúdo preciso, a uma finalidade dada numa determinada situação”.

A linguagem é a base da realização dos gêneros e no processo comunicativo os falantes adéquam o enunciado a quem se dirigir e aos tipos de gêneros que estão produzindo. Quando Schneuwly (2004) coloca que os gêneros são unidades de conteúdo temático, composição e estilo, estes elementos correspondem respectivamente, ao tema por ele explorado, ao exemplo da charge o conteúdo temático é a crítica aos acontecimentos da sociedade atual e da vida cotidiana e o humor usado algumas vezes para enfatizar o tema abordado; já a composição é a forma em que ele se constrói, tomemos mais uma vez a charge como exemplo, o estilo da charge é em forma de quadrinhos e o texto muitas vezes é trazido dentro de balões, que caracteriza o gênero; e por fim o estilo, ao uso da língua dentro do gênero de forma a alcançar o objetivo do sujeito do discurso.

Enfim, o ensino através dos gêneros textuais é de fundamental importância na aprendizagem dos alunos, pois abre novas possibilidades para eles; através dos textos aprende-se a se comunicar melhor e a usar a língua de maneira que ajude a compreender a maneira como se atua através dela.

Vale lembrar também que os falantes nativos de LP inseridos em um processo de comunicação produzem discursos, que são concretizados por meio de textos, sejam eles orais ou escritos. Assim como colocam os PCN. O discurso, quando produzido, manifesta-se linguisticamente por meio de textos. O produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo, qualquer que seja sua extensão, é o texto, uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência. Em outras palavras, um texto só é um texto quando pode ser compreendido como unidade significativa global (BRASIL, 1998).

O texto já faz parte do conhecimento dos alunos, mesmo sem conhecer todas as regras de uso da língua, eles já as utilizam na sua comunicação diária de produção de textos, sejam eles orais ou escritos, e analisar o uso da língua dentro do contexto do texto fica relativamente mais fácil aprender e assimilar os conteúdos.

As charges, gênero foco desta pesquisa, se constituíram como sendo um subgênero do gênero quadrinhos, assim como a tirinha, a cartum e outros tantos. Adiante será feita uma abordagem histórica do surgimento do gênero quadrinhos desde o período da pré-história, e o seu uso como comunicação e representação dos acontecimentos da época, até se chegar ao gênero do modo como se conhece hoje, fazendo um paralelo com a sua chegada à sala de aula como um instrumento de caráter educacional e a sua relevância no ensino de forma geral.

1.3 OS GÊNEROS QUADRINHOS E SEU ESPAÇO NA SALA DE AULA

Os quadrinhos atualmente representam um meio de comunicação de massa de grande apoio popular, mas ao longo da sua história nem sempre foi assim. Segundo pesquisas feitas e relatos de Vergueiro (2010), com a popularidade das histórias em quadrinhos surgiu também a desconfiança de pais e educadores, que acreditavam que isso afastava as crianças da boa leitura, além de considerá-los apenas como entretenimento de crianças e jovens. As histórias em quadrinhos também conhecidas como História em Quadrinhos (HQs) teve seu surgimento na época da pré-história, em que o homem primitivo usava as paredes das cavernas para ilustrar grandes acontecimentos, batalhas, os tipos de animais da região etc., ou seja, as imagens registradas nas pedras eram um elemento de comunicação e informação da época, da mesma forma que as histórias em quadrinhos atualmente transmitem informações através de imagens.

Assim como coloca Vergueiro (2010, p. 8)

[...] pode-se dizer que as histórias em quadrinhos vão ao encontro das necessidades do ser humano, na medida em que utilizam fartamente um elemento de comunicação que esteve presente na história da humanidade desde os primórdios: a imagem gráfica.

Como colocado acima, a imagem gráfica é usada como meio de comunicação desde os primórdios da história da humanidade, da mesma forma que hoje as crianças desde pequenas começam a se comunicar através de desenhos muitas vezes confusos e sem muita precisão nos traços, mas que em totalidade conseguem passar a mensagem desejada. Com a evolução do mundo e com as primeiras manifestações escritas, a imagem perdeu consideravelmente a sua importância enquanto meio de comunicação. A escrita trouxe novas possibilidades para a humanidade, mas em seu início era reservada apenas às classes mais altas da sociedade, que tinham mais acesso à educação e à própria escrita, assim a imagem gráfica tornou-se o meio de comunicação das classes menos favorecidas.

As HQs ganharam status de popularidade juntamente com o surgimento da imprensa e das tecnologias que estavam se desenvolvendo. O ambiente mais propício para seu florescimento foi nos Estados Unidos do final do século XIX, quando todos os elementos tecnológicos e sociais encontravam-se devidamente consolidados para que as HQs se transformassem em um produto de consumo massivo, como de fato ocorreu (VERGUEIRO, 2010).

De início, os quadrinhos compunham as páginas de jornais com temas voltados para os imigrantes e que carregavam geralmente humor, desenhos críticos e caricaturas. Com o passar dos anos ganharam espaço e passaram a ser publicados diariamente em páginas específicas e com diversos temas. A grande disseminação dos quadrinhos ocorreu com a criação e publicação dos gibis, que traziam histórias de super heróis e que, no contexto da segunda guerra mundial, ganhou força; o final da guerra trouxe também contribuições para esse campo, pois a partir de então surgiram novos gêneros nas revistas de quadrinhos, “[...] destacando-se as histórias de terror e suspense, que enfocavam temáticas de gostos duvidosos e traziam representações extremamente realistas” (VERGUEIRO, 2010, p. 11).

No Brasil essa discussão se deu de forma semelhante e as editoras resolveram elaborar um código de ética para os quadrinhos, este código foi criado por um grupo de editores brasileiros de revistas de HQs em que, segundo Vergueiro (2010) contém informações como: respeito à religião e às raças, o prestígio das autoridades, a não exposição do divórcio, sedução e sexualidade não devem ser sugeridas, cenas obscenas, o uso de gírias controlado em favor da boa língua, devem fugir de menção dos defeitos físicos, deformidades e diversas outras coisas.

Durante muito tempo essa campanha contra os quadrinhos tomou conta da sociedade e também das escolas em questões de ensino e até hoje se discute se esse preconceito foi realmente extinto. “Inimigas do ensino e do aprendizado, corruptoras das inocentes mentes de seus indefesos leitores. Portanto qualquer ideia de aproveitamento da linguagem dos quadrinhos em ambiente escolar seria na época, considerada uma insanidade” (VERGUEIRO, 2010, p. 16).

O século XX exerceu profundas transformações sociais assim como o desenvolvimento das ciências da comunicação, o que afetou todos os meios de comunicação e inclusive as HQs. “O despertar para os quadrinhos surgiu inicialmente no ambiente cultural europeu, sendo depois ampliado para outras regiões do mundo” (VERGUEIRO, 2010, p. 17).

A partir dos anos de 1990, as HQs passaram a ser usadas livremente dentro das escolas tanto por professores como por alunos, e isso só vem aumentando, por isso são usadas como forma de proporcionar aulas mais lúdicas, transmissão de conhecimentos e também como meio de discussão sobre determinados temas. Essa mudança mais significativa sobre o uso dos quadrinhos no ensino aprendizagem eclodiu com a criação da LDB e os PCN, documentos elaborados pelo governo no intuito de melhorar o ensino e de orientar os professores sobre os meios e as formas de ensino, visando sempre à aprendizagem dos alunos do ensino fundamental e médio.

Enfim, diante de tudo que foi observado aqui desde a pré-história até o surgimento dos quadrinhos como se conhece hoje houve muitas transformações não só no gênero, mas também no mundo como: o surgimento da escrita, guerras, pós-guerras etc.; tudo isso fez com que os quadrinhos e o mundo evoluíssem e chegasse ao que se conhece hoje. Sua importância para o ensino é evidente, mas desde que o professor saiba utilizá-los de forma adequada e que eles alcancem os seus objetivos.

Logo, as HQs não devem ser usadas de forma descontextualizada, apenas como uma fuga da monotonia sem explorar as informações necessárias, pois pode provocar nos alunos uma rejeição à leitura de quadrinhos prejudicando toda a aprendizagem. Mas também vale lembrar que não se pode valorizar demais um gênero, desvalorizando as outras formas de comunicação. “Os quadrinhos não podem ser vistos pela escola como uma espécie de panaceia que atende a todo e qualquer objetivo educacional, como se eles possuíssem alguma característica mágica capaz de transformar pedra em ouro” (VERGUEIRO, 2010, p. 27).

Em suma, o professor deve estar ciente do uso dos quadrinhos em sala de aula e saber escolher bem o material que vai usar em suas aulas, sabendo adequá-los aos seus objetivos e à aprendizagem de seus alunos, pois do mesmo modo que podem ajudar, podem atrapalhar se forem mal escolhidos. As HQs não possuem restrições quanto ao uso de idades, ou seja, podem ser usadas tanto na educação de crianças no nível fundamental, como no nível médio, na educação de jovens, pois suas informações e temas são bastante variados, cabe então fazer a escolha de seu maior interesse.

O gênero quadrinhos tem inúmeros outros subgêneros como: a *charge*, as tirinhas e os cartuns; todos com suas características próprias e elementos linguísticos próprios, alguns detalhes os diferenciam uns dos outros, mas mesmo assim quando se fala em quadrinhos é comum confundir alguns gêneros. Por isso, em seguida será feita uma abordagem do conceito e características específicas da *charge* que é o foco da nossa pesquisa, ainda será abordado a importância da *charge* no ensino a *charge* e sua leitura dinâmica.

1.4 A IMPORTÂNCIA DA CHARGE NO ENSINO

Compreendemos que levar um texto que tenha a ver com a realidade e a etapa na qual os alunos se encontram é um fator que colabora para que o texto tenha êxito, provocando o interesse dos discentes pela leitura e suas reflexões. Com isso sabemos que todo texto apresenta inúmeras possibilidades de interpretação e aprendizagem, basta que o professor

saiba como trabalhá-los em sala de aula. Através das *charges* é possível desenvolver uma metodologia inovadora que leve o aluno a descobrir essas possibilidades de leituras, refletir criticamente. Segundo Silva (2004, p. 28):

[...] a oferta de leitura na escola se apresenta como círculo fechado, envolvendo somente as obras da chamada “Literatura pedagógico” (clássicos escolares). Por outro lado, além do esquema redundante da oferta, fechada à literatura de vanguarda e por isso mesmo reveladora constatou a presença de metodologias que ao invés de propiciar o prazer e o gosto pela leitura, vão paulatinamente aniquilando o potencial da leitura dos alunos.

Conhecemos que existem alunos que não sabem como interpretar e explorar um texto, por não terem tido a oportunidade de trabalhar com um maior número e tipos diferentes de textos. E também por estarem acostumados a esperar do professor os questionamentos, ou somente buscar a ideia central. Portanto, se tem a impressão, e muitos acreditam nisso, que o texto oferece uma única ideia a ser desvendada e os alunos esperam que ela salte diante de seus olhos do nada, apenas de uma leitura superficial, ou ainda ficam esperando que o professor os leve a descobrir o que quer dizer o texto.

No caso das *charges* apresentamos a chance de avaliarmos e explicarmos contextos que fazem parte de nosso cotidiano, as definições contidas nos textos das *charges* são carregadas de efeitos explícitos ou implícitos que traduzem, muitas vezes, as emoções que estamos dividindo com os outros, sentimentos de raiva, revolta, conscientização e sensibilização em presença de acontecimentos que influenciam a nossa forma de ver o mundo.

Falar da *charge* direciona o leitor que de alguma forma já está inserido no contexto de sua enunciação, ele faz parte deste discurso e acaba parafraseando este discurso, contudo novos elementos acabam enriquecendo o discurso, ocasionando novas definições que permitem reflexões e outras possibilidades comunicacionais, espalhando a troca de conhecimentos e ligando falas que até então poderiam estar discordantes.

1.5 A CHARGE NO CONTEXTO DO ALUNO

A palavra *charge* vem originalmente do francês e significa carga. Segundo Silva (2004 *apud* VILLWOCK; VAILLÕES, 2012), *charge* significa carga, exagero ou, até mesmo ataque violento (carga de cavalaria), satiriza certo fato, situação ou pessoas, envolvendo principalmente fatos de caráter político que sejam de conhecimento do público. As *charges*

foram criadas no princípio do século, por pessoas opostas a governos ou críticos políticos, e é claro que os governantes da época usaram de seu poder para reprimir este tipo de manifestação, mas mesmo assim as *charges* caíram no gosto popular e sobreviveram até a atualidade, fazendo muito sucesso.

A *charge* traz sempre a informação da realidade do dia-a-dia, muitas vezes são fatos que interferem diretamente na vida dos alunos, e a sua interpretação é facilmente assimilada se o aluno estiver ligado à realidade que o cerca. Os acontecimentos políticos, por exemplo, são bastante retratados nelas contribuindo e muito na formação do senso crítico político-social e conscientização dos alunos como cidadãos atuantes na sociedade.

De acordo com Silva (2004), a *charge* é alvo de estudo por trazer, em uma análise superficial, implícita a história e a presença do interdiscurso. Ela é o local escolhido pela ironia, metáfora (transferência), pelo contexto, pelo sujeito, para atuar. Por ser combativa, tem lugar de destaque em jornais, revistas e na *Internet*. Deste modo, ampla poderá ser a leitura interpretativa por nela se constatar a presença da linguagem, da história e da ideologia. Uma *charge* nunca é neutra, quase sempre desperta a crítica do leitor e geralmente mesmo quando trata de assuntos sérios, tristes ou denúncias o faz com muita criatividade e humor que é um forte artifício em seu conteúdo.

Desde obras clássicas até as tiras o humor se faz presente e marcante, pois junta o riso a percepção crítica, quando lemos uma piada além de provocar o riso nos situamos diante de fatos que fazem parte de nosso contexto, ou que influenciam o mundo e as pessoas de alguma forma.

1.6 A CHARGE COMO RECURSO DE ENSINO

A *charge* tem ganhado cada vez mais espaço, nos jornais, revistas das mais importantes do País, programas de televisão e é claro a internet. Pesquisando em alguns livros didáticos de LP do ensino fundamental e médio de conceituadas instituições de ensino, constatei que a *charge* está fazendo parte das práticas pedagógicas.

Diante de tantas complexidades que nos circundam é necessário ter um meio que possa auxiliar na sua compreensão. O professor enquanto mediador do conhecimento deve se apropriar de outras linguagens e formas de ensino que possibilitem ao aluno o contato com a realidade vivida, levando-o a reflexão e conseqüentemente a construção do seu próprio conhecimento.

A *charge* como ferramenta educativa torna o ensino mais instigante, despertando a curiosidade, criticidade, questionamento e diversão. A forma humorística como é apresentada, torna-se um fator motivador, pois, é possível fazer uma análise geográfica a partir de vários contextos, de forma mais dinâmica e interessante. Segundo a visão de Silva (2004 *apud* CAVALCANTI, 2008, p. 146) a inserção de *charges* na escola:

A ampliação da *charge* nas escolas trouxeram uma capacidade de observação e de expressão, estimulando uma fantasia, e despertando o prazer estético, senso de humor e a crítica, tornando o ato de ler uma atividade prazerosa e contribuindo para estabelecer o hábito saudável da leitura.

Existem muitos episódios nos quais as escolas não têm condições de arcar com a compra de vários aparatos tecnológicos para auxiliar no ensino. Dentro deste contexto observamos que a *charge* é um recurso muito útil, capaz de suprir as deficiências estruturais da escola no que concerne ao ensino da LP. Nesse sentido, cabe ao professor se utilizar desse meio e fazer que se torne benéfico aos seus alunos. Portanto, a utilização desse gênero nas aulas de Português contribui para facilitar o entendimento e assimilação dos conteúdos abordados em sala. Pois, trata-se de uma fonte rica de informações que possibilita ao discente uma reflexão.

No dizer de Oliveira (2001, p. 265): “os textos de *charge* ganham mais quando a sociedade enfrenta momentos de crise, pois é a partir de fatos e acontecimentos reais que o artista tece sua crítica num texto aparentemente desprezioso”. Dessas primeiras considerações percebe-se que, socialmente, a *charge* e caricatura encontram-se entrelaçadas no binômio história-memória. Sendo a *charge* uma forma de registro crítico e opinativo da história imediata de um grupo social, a sua recepção pelo leitor depende da existência de uma memória social que é acionada no momento da leitura permitindo-lhe construir os possíveis sentidos para o discurso do qual é portadora.

A *charge* tem como objetivo a crítica humorística de um fato ou de um acontecimento específico. É a reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público segundo a ótica do chargista. Tanto se apresenta somente através de imagens quanto combinando imagem e texto. Sua ocorrência opera em cima de fatos reais e o conhecimento prévio do tema abordado na *charge*, por parte do leitor, é fator essencial para compreendê-la (ARBACH, 2007).

Figura 1 - Charge de 10 de julho



Fonte: <<https://www.acidadeon.com/ribeiraopretos/onclick/GFOT,0,3,30458,confira+charges+do+jornal+a+cidade.aspx>>. Acesso em: 2 maio 2019.

A *charge* é um texto, basicamente feito por desenho de caráter humorístico, geralmente usando o mínimo de texto verbal. Trata-se de um tipo de texto muito importante na mídia atual, graças à sua capacidade de fazer, de modo sintético, críticas político-sociais. Cavalcanti (2012, p. 74) nos diz que:

Engana-se quem imagina que a *charge* é apenas uma piada gráfica que utiliza a linguagem visual em sua construção. Na verdade, é um texto opinativo e, impressa nos jornais, é normalmente publicada no caderno de opinião em meio a cartas argumentativas, editoriais, artigos de opinião, entre outros.

Para tanto, Schneuwly e Dolz (2004, p. 97), possuem o ponto de vista enunciativo discursivo de Bakhtin, fazendo com que, neste sentido, os aprendizes adquiram uma compreensão maior não só dos conteúdos que se tornam observáveis por intermédio do gênero, como também das variadas linguagens empregadas e das “[...] sequências textuais e discursivas que formam sua estrutura”.

De acordo com esses autores, neste contexto, “a sequência didática é uma alternativa metodológica que pode tornar a prática de leitura na escola mais atrativa e produtiva” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 97). Neste sentido, a interação é referente não somente, àquelas que acontecem face a face, uma vez que os processos interativos também provêm de

um entendimento ativo em que o leitor aceita, reformula as informações do enunciado de acordo seus conhecimentos e experiências, podendo contrapor-se a elas eventualmente.

O que podemos notar é que o riso ou a meditação tirados desse gênero discursivo está longe de gerar uma mudança nas regras das políticas sociais. Contudo, as *charges* possuem uma dosagem cômica, crítica e irreverente em uma medida suficiente para colaborar com o ensino de leitura na escola.

2 A HISTÓRIA DA CHARGE NO BRASIL

A *charge* como sabemos foi criada na Europa, mas dar ares de ter sido criada aos conformes do humor brasileiro. Assim de forte tendência crítica, as *charges* quase sempre fizeram refletir, sobretudo a vida política. No entanto, foi no ano de 1837, que foi publicada a primeira charge no Brasil, de autoria do pintor e poeta Manuel de Araújo Porto Alegre (1806-1879). Tratava-se de uma sátira ao jornalista Justiniano José da Rocha, que denunciava as propinas recebidas por um funcionário do governo ligado ao Correio Oficial em São Paulo.

Figura 2 - A Campanha e o Cujo



Fonte: Magno (2012, p. 67).

Mesmo sendo criada na Europa a *charge* se adaptou muito bem ao humor brasileiro. Charge tupiniquim - A primeira *charge* do Brasil data de 1837, poucos anos após a independência do país. A arte, intitulada A Campanha e o Cujo, circulou por 160 réis nas ruas do Rio de Janeiro sem assinatura do autor, o pintor e poeta Manuel de Araújo Porto Alegre. Tratava-se, na época, de uma sátira ao assunto tratado pelo jornalista Justiniano José da Rocha. Este denunciava as propinas recebidas por um funcionário do governo ligado ao Correio Oficial. Com elementos excessivos e dotados de muita informação no princípio, o processo das charges foi se aperfeiçoando e chegou a uma linguagem simples e acessível, capaz do leitor captar o sentido em segundos (GARCIA, 2012).

Ainda nessa perspectiva, de acordo com Martins (2008), o Brasil é um país que a propina já é uma prática comum, onde uma pessoa oferece a outra alguma coisa em troca de outra e que na maioria dos casos é uma autoridade, governante, funcionário público ou

profissional da iniciativa privada que recebam uma quantidade de dinheiro ou quaisquer outros favores, para que a pessoa em questão deixe de se portar eticamente com seus deveres profissionais. Isso é um crime na maior parte dos quadros jurídico-legais de todo o mundo.

Já segundo Miranda (2009), o problema no que se refere ao suborno é a ação ao longo prazo no sistema, que é a economia da sociedade. O superfaturamento de obras rodoviárias ou de prédios por parte de governantes subornados causa falta de dinheiro para investimento em educação básica (especialmente o pagamento de professores de qualidade) e leva milhares de crianças ao analfabetismo e futuramente ao desemprego (e a outras condições de vida degradante) por não terem aprendido a raciocinar adequadamente por causa da falta de professores adequadamente treinados. E hoje em dia é o que mais vemos no nosso país.

No início de suas publicações, as *charges* eram publicadas e vendidas avulsas. Eram vendidas em lojas e livrarias. Porém, em 1844, a revista Lanterna Mágica deu início as publicações das *charges* regularmente, mais tarde, outras revistas que surgiram aproveitaram e foram também publicando assim como: a “Semana Ilustrada”, “Vida Fluminense”, “O mosquito”, “Comédia Social”, “O mequetrefe” e “Don Quixote”. No início do século 20, a imprensa brasileira, já foi se configurando nos moldes empresariais, onde vê surgir à figura do jornalista que se autodenominou Barão de Itararé. Ele, com sua irreverência, ajudaram a popularizá-las. Com isso, foi na década de setenta, durante os “anos de chumbo”¹ que alguns entre os principais nomes da *charge* do Brasil surgem. São eles: Ziraldo, Jaguar, Millôr Fernandes, Lan, Chico Caruso e meu preferido Henfil. Segundo Luis Fernando Veríssimo, paradoxalmente nesses anos mais duros é que o Brasil experimentou seu maior momento de criatividade no mundo das *charges*.

¹ Os anos de chumbo foram o período mais repressivo da ditadura militar no Brasil, estendendo-se basicamente do fim de 1968, com a edição do AI-5 em 13 de dezembro daquele ano, até o final do governo Médici, em março de 1974. Alguns reservam a expressão "anos de chumbo" especificamente para o governo Médici. O período se destaca pelo feroz combate entre a extrema-esquerda versus extrema-direita, de um lado, e de outro, o aparelho repressivo policial-militar do Estado, eventualmente apoiado por organizações paramilitares e grandes empresas, tendo como pano de fundo, o contexto da Guerra Fria. Durante esse período, houve o desaparecimento e morte de centenas de militantes civis e ativistas envolvidos em atividades consideradas subversivas pelo governo militar ditatorial. Outros desses militantes foram obrigados a viver na clandestinidade ou pedir asilo político em outros países. Nessa época, a liberdade de imprensa, de expressão e manifestação foi cerceada. https://pt.wikipedia.org/wiki/Anos_de_chumbo acessado dia 06/04/19.

2.1 PRINCIPAIS CHARGISTAS BRASILEIROS

Glauco Villas Boas, cartunista da Folha de São Paulo, nascido na cidade de Jandaia do Sul, estado do Paraná, faleceu aos 53 anos, no dia 12 de março de 2010, assassinado junto com o filho numa tentativa de assalto em sua casa, local onde também funcionava como comunidade religiosa, na cidade de Osasco. Desenhista de grande talento iniciou seu trabalho autoral no início da década de 70. A *charge* abaixo faz uma crítica em relação ao programa eleitoral, mostrando que a mídia realmente tem o poder de manipular as pessoas (Figura 3).

A palavra “política” faz menção a tudo que está vinculado ao Estado e sua administração, mas definições modernas defendem que política é meramente o exercício do poder.

Figura 3 – Horário Político de Glauco Villas Boas



Fonte: <<http://napaulista.com.br/portal/mostra-sobre-o-cartunista-glauco-vilas-boas-comeca-nesta-quinta-napaulista/acessada>>. Acesso em: 3 maio 2019.

Em relação à *charge* acima podemos notar que Brasil e sua política esta cada vez mais ligada ao capital, e não ao Estado. Isto porque as decisões políticas das sociedades contemporâneas têm mais ligação com o interesse do poder econômico do que com aquele dos próprios governantes. Sendo assim, as questões mais importantes da política acabam por serem, diretamente, aquelas que interessam ao capital. Quando essas decisões são tomadas a favor do povo ou de modo contrário às burguesias, por exemplo, os grandes grupos econômicos e seus interesses têm alta força de contenção e mesmo de sabotagem em relação a tais políticas que lhe sejam opostas.

A mídia de um modo geral tem determinado os rumos da política na atualidade, enquanto a ideologia dos partidos políticos parece cada vez mais se retrair. Como resultado,

temos a superexposição de agremiações partidárias em palanques despolitizados, como se pode verificar fartamente a cada nova eleição ou a cada nova política de coalizão em que velhos e ferrenhos rivais de trincheiras ideológicas sobem de mãos dadas em nome da “governabilidade”. São nesses espaços em que as mídias têm configurado para a discussão pública acerca da política, na condição de mediadora entre os interesses da sociedade e do Estado, parece esvaziar o conteúdo político e a identidade dos partidos políticos.

De acordo com Martinez (1982), a função da imprensa é manter a sociedade em estado de diálogo e fazer com que dele participem todos os seus membros. Há que se considerar que, de fato, a imprensa detém tal poder. Contudo, o que se observa na realidade é que se fazem manifestar interesses de mercado e, ao invés de um diálogo social do e no qual todos façam parte, há um reforçamento de valores referentes ao ideário liberalista, como o individualismo. O diálogo, quando ocorre, dá-se como manipulação para a hegemonia da classe dominante e aprofundamento dos abismos sociais.

Maurício Ricardo Quirino, nascido no Rio de Janeiro em 24 de setembro de 1963, é um chargista brasileiro e músico. Foi criado em Uberlândia, Minas Gerais. Foi baixista e jornalista. É o roteirista e desenhista do site *charges.com.br*, que iniciou por diversão. Quando o site começou a dar lucro, abandonou um emprego em um diário de Uberlândia. Hoje, além de desenhar (com uma prancheta digital) e animar, ele dubla (geralmente fazendo todas as vozes) e toca a música de fundo das *charges* apresentadas no site. Atualmente, ele também faz *charges* para a rede globo para programas como *Big Brother Brasil* e o *Mais Você*.

A *charge* a seguir mostra o presidente dos EUA *Donald Trump*, com um lado bem humorado dizendo que vai acordar o prédio, o que expressa que ele vai por ordem no estado (Figura 4). Então, a política internacional é concebida como uma política de busca ou de afirmação do poder, encarada sob o ponto de vista de uma ética da responsabilidade, voltada à sobrevivência da comunidade política no tempo e no espaço.

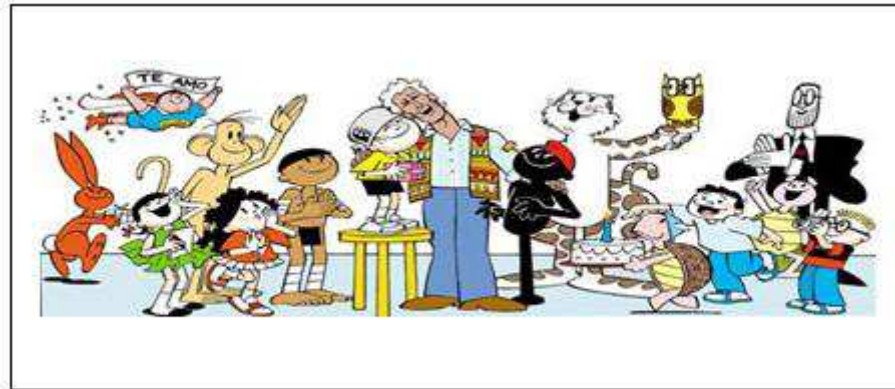
Figura 4 – *Donald Trump* - Acordando o prédio



Fonte: <<https://charges.uol.com.br/2017/04/10/donald-trump-canta-acordando-o-predio/acesada>> Acesso em: 3 maio de 2019.

Ziraldo Alves, nascido em Caratinga, em 24 de outubro de 1932 é um cartunista, chargista, pintor, dramaturgo, escritor, cronista, desenhista e jornalista brasileiro. É o criador de personagens famosos, como o Menino Maluquinho, e atualmente, um dos mais conhecidos e aclamados escritores infantis do Brasil (Figura 5).

Figura 5 - Ziraldo e seus personagens



Fonte: <<https://brasileirinhos.files.wordpress.com>>. Acesso em: 22 maio 2019.

A literatura brasileira surgiu a partir da atividade literária incentivada pelos jesuítas após o descobrimento do Brasil durante o século XVI. O ponto de vista histórico orienta no sentido de que a literatura brasileira é uma expressão de cultura gerada no seio da literatura portuguesa. Bastante ligada, de princípio, à literatura metropolitana, ela foi ganhando independência com o tempo, iniciando o processo durante o século XIX com os movimentos românticos e realistas e atingidos o ápice com a Semana de Arte Moderna em 1922, caracterizando-se pelo rompimento definitivo com as literaturas de outros países, formando-se, portanto, a partir do Modernismo e suas gerações as primeiras escolas de escritores verdadeiramente independentes.

Em 1998, atendendo ao anseio por mudanças nos rumos da educação brasileira e com o objetivo de fornecer aos educadores diretrizes para o ensino e aprendizagem das diversas disciplinas curriculares, surgiram os PCN. Em sua introdução, os PCN ressaltam a importância da seleção adequada de recursos didáticos para uso em sala de aula e apontam que “[...] o livro didático é um dos materiais de mais forte influência na prática de ensino brasileira”, sendo necessário que os professores, ao selecionarem um livro ou grupo de livros didáticos para uso no contexto escolar, atentem “[...] à qualidade, à coerência e a eventuais restrições que [tais livros] apresentem em relação aos objetivos educacionais propostos” (BRASIL, 1998, p. 96).

A discussão sobre os gêneros discursivos *charge* tem como objeto de ensino, a leitura visual de texto e gramática em que passam, inevitavelmente, pela consideração do ‘texto como unidade de ensino’ dos livros de LP. Isso se deve ao fato de os gêneros discursivos não terem outra forma de materialização, que não por meio de ‘textos’ orais ou escritos Marcuschi, (2008). Essa percepção de que a comunicação humana não ocorre apenas por meio de ‘palavras isoladas’ (ou de frases descontextualizadas), mas também, e principalmente, por intermédio de texto como a *charge* que pode ser verificada nos PCN, de 5ª a 8ª séries, terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental.

Quanto às teorias identificadas nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM), o documento menciona, de modo genérico, praticamente, algumas já identificadas nos documentos anteriores, a saber: Linguística Textual, Teorias da Enunciação e Análise do Discurso. Contudo, ao tratar sobre a base teórica que fundamenta as discussões e abordagens teóricas no documento, acaba agrupando estas teorias em duas correntes teóricas:

O caminho escolhido para essa discussão dá ênfase aos estudos levados a efeito no âmbito da Linguística (sic) e da Linguística (sic) Aplicada, a fim de discutir as contribuições que tais domínios científicos acarretaram, nos últimos anos, para as práticas de ensino e de aprendizagem da Língua Portuguesa como língua materna (BRASIL, 2006, p. 18).

Assim, se por um lado o(s) documento(s) revela(m) uma base teórica consistente e variada, por outro, revela(m) também a necessidade de o professor não ser apenas um ‘conhecedor’ de teorias, mas sim de ter consciência das implicações de se trabalhar orientado a partir de cada uma delas. Em outras palavras, o conhecimento teórico, apenas, não basta. Embora importante, é preciso que os professores tenham clareza, teórico-metodológica, sobre as implicações e ou direção que cada teoria ou concepção teórica podem dar ao seu trabalho com o ensino de LP produção textual. Necessidade que é reiterada ao final da seção que trata sobre o ensino de LP.

3 PERCUSO METODÓLOGICO

3.1 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

Figura 6 - Capa dos Livros de LP



Fonte: Beltrão e Gordilho (2002).

A Educação amplia as competências dos indivíduos, em que ele se torne cada vez mais capaz de conciliar, de maneira harmônica, a construção do seu bem-estar pessoal junto ao bem estar da coletividade, na qual está inserido. A prática educativa segue diversas formas, habilitando os indivíduos a se manifestarem em seus sentimentos, seus ideais e valores, sem impor sua vontade. Em presença da importância do Ensino Médio, o livro didático configura papel fundamental neste processo de ampliação de conhecimento, sendo o material de bastante importância do uso dos professores, analisando o valor do livro didático tratada anteriormente neste trabalho, parte-se à análise da coleção Portuguesa Diálogo em gênero, mas antes da análise do gênero dentro da coleção há uma breve descrição desta.

A coleção analisada é a de Língua Portuguesa Diálogo em gênero de Eliana Santos Beltrão – Tereza Gordilho, a mesma é composta por quatro livros que vai do 6º ao 9º. No entanto só será utilizado o do 8º ano. O livro possui uma parte que mostra a *charges* na parte da orientação didática. A coleção aborda muitas informações visuais, gráficas e diferentes gêneros textuais, mas com relação às *charges* observa-se que há poucos registros do gênero e que é trabalhado de forma a abordar todos os elementos característicos dele. Um dos objetivos de ensino com *charges* é a condensação de informações em processos intertextuais que forcem o leitor a adquirir conhecimentos atualizados. A charge conquista facilmente o leitor, por possuir leveza ao aliar imagem e escrita, para transmitir uma informação. Diante disso, mostraremos as únicas *charges* encontradas no livro do 8º ano.

Eliana Lúcia Santos Beltrão Nascida em Salvador- Bahia, em 1952. Graduada em Letras pela Universidade Federal da Bahia, com especializações em Linguística Textual e Análise do Discurso. Mestre em Letras na área de Linguística Aplicada pela Universidade Federal da Bahia. Experiência profissional: Professora de LP, Literatura e Produção de texto no Ensino Fundamental e Médio, durante 25 anos, em escola particular, pública e na Escola Técnica Federal da Bahia.

Coordenadora de LP em escolas particulares, atuando como orientadora e consultora de propostas pedagógicas desenvolvidas pelos professores nas respectivas escolas, pelo período de 10 anos. Criadora do Clic (Curso e Linguagem e Comunicação) – um espaço dirigido a alunos do Ensino Fundamental II com dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita. Autora de livros didáticos de LP na editora FTD desde 2002, elaborando, juntamente com Tereza Gordilho, a coleção Diálogo, hoje intitulada Diálogo em Gêneros.

Tereza Gordilho Graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia, com especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Instituto Sedes Sapientiae. Atuou na área educacional e, como orientadora, pode observar a relevância do papel do professor/tutor como mediador da aprendizagem e a necessidade do mesmo promover práticas pedagógicas que visibilizem o aluno como sujeito fundamental no processo ensino-aprendizagem, construindo conhecimentos através de interações, troca de ideias, leituras e experiências e da participação ativa do aluno no meio social.

A partir dessa compreensão e tendo como base a concepção sócia interacionista da linguagem sublinhada por Vygotsky (1994) como aquela em que as relações de interação são fundamentais para o desenvolvimento da linguagem, promoveu, juntamente com professores de língua portuguesa, encaminhamentos didático-metodológicos do ensino da língua relacionados às práticas sociais de uso. A seguir algumas imagens do livro do 8º ano que serão usadas nesse trabalho, a primeira a ser apresentada será o sumário.

Figura 7 - Sumário do livro do 8º ano

Sumário	
Início de conversa	6
Orientações teórico-metodológicas	7
As concepções de língua/linguagem e aprendizagem.....	7
As variedades linguísticas e o ensino.....	9
Gêneros textuais e ensino.....	11
As novas tecnologias e os gêneros multissemióticos.....	15
O ensino da leitura e da escrita.....	16
O ensino do oral.....	20
O ensino da gramática e a análise linguística.....	21
O processo de avaliação.....	22
Língua Portuguesa e interdisciplinaridade.....	24
Descrição da coleção	24
Seções fixas.....	25
Seções eventuais.....	27
Boxes.....	28
Caderno de atividades.....	28
Para o professor.....	28
Projetos anuais.....	28
Sugestões de projetos didáticos anuais	29
Projeto didático anual para o 6º ano.....	29
Projeto didático anual para o 7º ano.....	33
Projeto didático anual para o 8º ano.....	38
Projeto didático anual para o 9º ano.....	42
Plano de curso	45
Referências bibliográficas	59

Fonte: Beltrão e Gordilho (2002, p. 208).

Figura 8 – Imagem do livro do 8º ano

Orientação didática

Gêneros em diálogo

- Propomos, nesta seção, a análise do gênero charge com a finalidade de compará-lo ao gênero artigo de opinião, ambos da esfera jornalística, para buscar os aspectos em que se assemelham e se diferenciam, considerando a situação de produção, as finalidades, os propósitos comunicativos etc.
- Para dar início ao trabalho com a charge, peça aos alunos que a descrevam, apontando elementos como cores que predominam na imagem, tipo de cenário e situação representada pelo artista. Em seguida, peça que leiam o texto que acompanha a charge e questione o que dá o tom de humor à obra. Pergunte como eles acham que seria um mundo totalmente desconectado de tecnologias como celulares e internet.
- Ajude-os a responder às questões propostas no livro-texto. Por fim, sistematize as principais diferenças entre a charge e o artigo de opinião. Na charge, o conteúdo concentra-se em uma única cena ou situação, que deve traduzir todo o ponto de vista do autor, daí apresentar-se de forma mais condensada e carregada de sentidos, com o uso da linguagem figurada e a exploração das linguagens verbal e visual.
- No artigo de opinião, por causa do espaço (mais longo) para a defesa do ponto de vista apresentado, as ideias podem ser mais desenvolvidas. Usa-se apenas a linguagem verbal e explora-se pouco a linguagem figurada.

Gêneros em diálogo: artigo de opinião e charge

As novas tecnologias podem ser extremamente úteis, mas, quando utilizadas de forma desmedida, não são tão proveitosas assim.

É comum, por exemplo, encontrarmos pessoas que nunca se desconectam do mundo virtual, independentemente do contexto ou da situação.

Leia esta charge e veja uma forma bem-humorada de abordar essa questão.

ZERO. Desconectado. Disponível em: www.cartuns.com.br/pape10.html. Acesso em: 20 jan. 2016.

- Qual é a crítica feita nessa charge?
A charge critica o tempo que as pessoas passam conectadas.
- É possível afirmar que a visão do chargista sobre as novas tecnologias é semelhante ao ponto de vista da articulista no artigo "Mundo moderno, cérebro antigo"? Justifique.
Sim, pois a crítica feita na charge não é contra as novas tecnologias, mas contra o uso excessivo que as pessoas fazem delas, o que está de acordo com o ponto de vista da articulista.
- Considerando o "Texto 1", identifique as características do artigo de opinião (A), da charge (C) e as semelhanças entre os dois gêneros (S).
(S) Busca provocar reflexão ou convencimento sobre algum fato ou posicionamento.
(A) Utiliza apenas a linguagem verbal e explora pouco a linguagem figurada.
(C) Utiliza as linguagens verbal e visual e explora a linguagem figurada.
(A) Apresenta ideias mais desenvolvidas.
(C) Apresenta-se de forma condensada e carregada de sentidos.

208

Anotações

Fonte: Beltrão e Gordilho (2002, p. 208).

Podemos observar que na charge, o elemento visual é predominante, e, grande parte do sentido desse gênero textual é constituída pela imagem, além de, muitas vezes, por si só, ser responsável pelo humor, traço básico do texto chárstico. De acordo com Silva (2008), a charge ainda possui, para Silva, a capacidade de reproduzir a realidade independentemente da razão e a verdade independente da realidade. Ela incorpora o humor como linguagem que produz uma verdade cujo sentido está fora da realidade e além da razão.

Figura 9- Imagem do livro do 8º ano

Orientação didática

Atividades

Peça aos alunos que observem a imagem da charge antes de lerem o texto e digam o que ela mostra. Pergunte qual é o objeto que sai pelo teto solar do carro. Certifique-se de que perceberam que se trata de um periscópio (equipamento ótico usado em submarinos que permite ver por cima de obstáculos que impedem sua visão direta). Convide-os a ler a charge e a relacionar a imagem ao diálogo entre motorista e passageiro para que compreendam a intenção crítica da charge.


Atividade complementar

Para explorar a ideia de condição, peça aos alunos que ouçam a canção “Se eu não te amasse tanto assim”, interpretada por Ivete Sangalo.

- Pergunte qual é a temática da canção, o que o eu lírico exprime em relação ao ser amado. Na canção, o eu lírico expressa o amor que sente em relação à pessoa amada.
- Escreva o refrão da canção no quadro.
- Solicite que identifiquem um exemplo de um verso com uma conjunção subordinativa. “Se eu não te amasse tanto assim”
- Peça que identifiquem a conjunção e a relação de sentidos que ela estabelece. O “se”, espera-se que infiram que é uma relação de condição, hipótese.
- Aproveite também para retomar as orações coordenadas. Solicite que busquem exemplos que contenham essas orações. “E vivesse na escuridão” / “Hoje eu sei, eu te amei [...] Mas fui mais, muito além [...]” (orações coordenadas sindética aditiva, assindéticas e sindética adversativa).

Atividades

Leia esta charge e responda às questões.



1. Essa charge foi publicada em um jornal da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais.

a) O que ela critica?

A falta de preparo das grandes cidades para as chuvas que ocorrem todos os anos no verão.

b) Que recurso dá o tom irônico e humorístico à charge?

O fato de o chargista comparar o carro a um submarino, já que o teto solar permite que o motorista utilize um periscópio.

2. Na segunda oração do período correspondente à primeira fala, há uma conjunção subordinativa adverbial.

a) Que conjunção é essa?

A conjunção quando.

b) Que relação de sentido essa conjunção atribui à oração?

Relação de temporalidade.

c) Como ela se classifica?

Conjunção subordinativa adverbial temporal.

262

Anotações

Fonte: Beltrão e Gordilho (2002, p. 262).

Dessa maneira, é necessário ao leitor, para a compreensão de uma determinada charge, que ele conheça o assunto que ela retrata e o contexto em que está inserida, já que, como defende Arbach, “o sentido e a função da imagem para a comunicação variam com a época de sua representação. Os contextos histórico, geográfico, cultural e social são determinantes para sua significação”.

A charge é caracterizada pelo aspecto temporal e crítico e tem o humor por elemento. Ela também tem uma carga de agressividade em sua essência, despertando a consciência

crítica no leitor (GAWRYSZEWSKI, 2008). Complementando com o que disse Miani, a *charge* é utilizada na sátira política como instrumento de crítica e arma retórica de combate, sendo usada também na defesa e propagação de ideologias e programas políticos (2005).

Com isso observamos que a *charge* é um gênero textual que é muito utilizado como material de apoio didático. Trabalhar a leitura com o uso de *charges* é interessante porque proporciona ao leitor se aproximar de um assunto do cotidiano apontando um sentido de incômodo e crítica, gerando reflexão e debate, tornando essa construção crítica algo de muito positivo para a formação de uma sociedade participativa e com o uso do humor, gerando prazer e diversão. Quando falamos aqui em letramento, aludimos à perspectiva dos letramentos múltiplos, mais especificamente, ao letramento multimodal.

Nesse sentido, a referida sequência didática tem como objetivo potencializar o desenvolvimento das habilidades linguísticas e discursivas dos alunos, remetendo, para tal, aos gêneros multimodais. No que concerne à leitura, almejamos que os alunos consigam compreender e interpretar textos calcados na junção de distintas semioses, percebendo o papel do emprego das palavras, das cores, da disposição gráfica, das formas e dos formatos utilizados, bem como dos seus reflexos na materialização da intenção comunicativa do autor. No que tange à produção textual, almejamos que os alunos consigam produzir exemplares do gênero discursivo em tela, empregando suas características constitutivas - tais como: propósito comunicativo, aspectos temáticos, elementos da forma composicional e elementos estilísticos. No tocante à oralidade, almejamos que os alunos consigam utilizar a modalidade formal da linguagem oral, refletindo sobre a adequação do uso, em prol da situação comunicação.

A sequência didática seria conhecer a *charge* abordando as definições do gênero, bem como das suas características constitutivas, a saber, propósito comunicativo, conteúdo temático, estrutura composicional (elementos discursivos presentes na sua estrutura e seu papel na produção de efeitos de sentido) e estilo verbal. a) exposição de exemplares do gênero discursivo em foco; b) realização de sondagem com o objetivo de verificar os saberes prévios do alunado a respeito desse gênero. Mais especificamente, o que eles assistem o que eles leem em sua rotina cotidiana etc. A partir disso, almeja que os alunos consigam estabelecer relação com o universo jornalístico e, conseqüente, com o da *charge*; c) realização de aula expositiva com fins a abordar a diferenciação entre os gêneros *charges* e cartuns, assim como o conceito do gênero *charge* e suas características constitutivas. Para tal, propomos a distribuição de exemplares dos gêneros supracitados, evidenciando as distinções e diferenciações entre ambos. Já a segunda didática a se trabalhar em sala de aula seria lendo e compreendendo o

gênero *charge* onde os objetivos são: Trabalhar habilidades de leitura, compreensão e interpretação textual, a partir de exemplares do gênero charge.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi exposto ao longo desse trabalho, esteve evidente que o ensino de forma geral tem sofrido modificações significativas, procurando consecutivamente a melhor forma de aprendizagem dos alunos, neste contexto se inseriram os gêneros textuais que cada vez mais ocupam lugar de destaque em sala de aula. Assim como se aproxima a teoria da prática tudo fica mais fácil, até a aprendizagem. Mas é importante destacar que o ensino precisa melhorar muito ainda no que se refere ao material didático produzido e utilizado em sala de aula que nem sempre acompanha o mesmo ritmo das mudanças.

Isto é bem analisado quando se trata da charge, que não está muito em espaços nos materiais didáticos, com destaque ao objeto de análise utilizado, o livro didático. O seu emprego pode apresentar um apoio significativo para a aprendizagem dos alunos desde que seja trabalhada de forma adequada, de modo a construir uma leitura crítica e a contribuir para a formação de um cidadão ativo socialmente.

Dessa maneira, foi observado, nos poucos registros encontrados do gênero no livro didático, a maioria das atividades propostas não abordam a charge de forma a favorecer a aprendizagem e a compreensão do discente, pois a utiliza de forma superficial escolhendo apenas uma das características, a que mais lhe interessa, e se esquecendo das outras. Um gênero tão rico, tanto em forma, quanto em popularidade e conteúdo pelos alunos, por vezes é deixado de lado pelos materiais didáticos, fator que dificulta o trabalho do professor que é obrigado buscar em outras fontes as charges e que fragiliza o gênero que passa a ser trabalhado de qualquer forma.

Com isso precisamos refletir sobre o uso que se faz das charges dentro da sala de aula e nos livros didáticos, o objetivo não é encher o livro com o gênero, mas produzir atividades que ajudem no desenvolvimento crítico e ativo de cidadão que o aluno precisa construir na sociedade. O valor da *charge* para o ensino de LP é inegável, mas uso que se faz do gênero ainda precisa de muitas reformulações. Por isso espera-se que este trabalho tenha alcançado o seu objetivo de refletir sobre o ensino do gênero textual charge em sala de aula e a abordagem nos livros didáticos, e que sirva de inspiração para novas pesquisas sobre o tema, que tem múltiplas possibilidades de trabalho.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ensino Médio:** Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais / Linguagem, Códigos e suas Tecnologias. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2009.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Estrangeira:** 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental / Ministério da Educação Fundamental. Governo Federal, Brasília: MEC/ SEF, 2010.

CAVALCANTI, Maria Clara Catanho. Charge: intertextualidade e humor. **Revista Virtual de Letras**, Recife, v. 4, n. 2, dez., 2012.

Disponível em: <<http://www.revlet.com.br/artigos/155.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

GARCIA, R. L. **A economia da corrupção:** teoria e evidências, uma aplicação ao setor de obras rodoviárias no Rio Grande do Sul. 2012. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Economia, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros Textuais & Ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

_____; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e Gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

OLIVEIRA, M. L. S. Charge: imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo. In: AZEREDO, J. C. (Org.). **Letras & Comunicação:** uma parceria para o ensino de língua Portuguesa. Petrópolis: Vozes, 2001.

PESSOA, Alberto Ricardo. **Charge como estratégia complementar de ensino. Cidade –São Paulo:** Universidade Presbiteriana Mckenzie/SP, 2011.

ROJO, Roxane H. R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-32.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEUER, J.

L. (Org.). **Gêneros teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROJO, R. Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTAROTH, D. (Orgs.). **Gêneros:** teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SILVA, Ezequiel. T. **Unidades de Leitura:** Trilogia Pedagógica. São Paulo: Autores e Associados, 2003.

_____, Carla Letuza Moreira e. **O trabalho com charges na sala de aula**. Pelotas, RS:

UFRGS, 2004.

_____, Carla L. M. e. **A aula de Língua Portuguesa: uma proposta de trabalho com charges.** 2004. Monografia.. Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, RS, 2004. Disponível em: <www.unesc.br/cursos/pos-graduacao/mestrado>. Acesso em: 20 maio 2019.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogéticas. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard (Org.) **Gêneros orais e escritos na escola.** São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

_____, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Orgs.). **Quadrinhos na educação: da rejeição à Prática.** São Paulo: Contexto, 2009.

_____. Uso das HQS no ensino. In: BARBOSA, Alexandre; et al. (Orgs.) **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.